

Experiências de Mulher – Técnicas de si no Pentecostalismo

Women's experiences - techniques it in Pentecostalism

Sueli Ribeiro Mota Souza¹

Resumo

Em experiências de mulher – técnicas de si no pentecostalismo deu-se especial atenção ao gênero, no caso, uma mulher pentecostal, e os processos de construção do seu *self* ao interior do pentecostalismo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na "observação e entrevista centrada na pessoa" (HOLLAN & LEVY, 1998). Com objetivo de compreender a construção do *self* de mulher pentecostal que vivencia contextos de aflição. A observação e entrevista centrada na pessoa têm como objetivo principal "clarear as relações das individualidades frente a seus contextos socioculturais" lançando mão certas técnicas de si que são importantes redimensionadores e elementos essenciais para a construção do *self*.

Palavras-chave: Experiência. Mulher. Pentecostalismo.

Abstract

In women's experiences - techniques it in Pentecostalism gave special attention to gender, in this case, a Pentecostal woman, and construction processes of yourself inside of Pentecostalism. It is a qualitative research based on "observation and interview centered on the person." With object to understand the construction of the Pentecostal woman self who experiences distress contexts. The observation and interview centered on the person whose main goal "clear the relations of the legend face to their socio-cultural contexts" making use certain techniques themselves that are important and essential elements for the construction of self.

Keywords: Experience. Woman. Pentecostalism.

¹ Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2007), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia (2000). Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1997), professora/pesquisadora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Atuação profissional atual: Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Campus I) da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Pesquisadora no campo das Ciências Sociais e Educação, com ênfase nos temas Educação, Saúde e Religião.

1 Considerações iniciais

O pentecostalismo parece possibilitar a existência de diferentes identidades forjadas a partir de processos de múltipla complexidade. Parece ainda capaz de responder e acolhendo a certa parcela de mulheres aflitas que buscam sentidos em seus quadros, especialmente as mulheres de classe trabalhadora.

Vários estudos têm sido direcionados para a compreensão do pentecostalismo, com resultados bastante iluminadores, mas, essa temática ainda não foi suficientemente explorada no sentido da compreensão da construção do *self*² das mulheres pentecostais.

A procura de agências pentecostais é grande entre as mulheres brasileiras, também é sabido que os serviços de cura nessas agências ocupam um lugar significativo nas práticas cotidianas de muitas mulheres. Aqui deu-se especial atenção ao gênero, no caso a mulher, e os processos de construção do seu *self* ao interior do pentecostalismo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na

“observação e entrevista centrada na pessoa” (HOLLAN & LEVY, 1998)³. Com o objetivo de compreender a construção do *self* de mulher pentecostal que vivencia contextos de aflição.

A observação e entrevista centrada na pessoa têm como objetivo principal “clarear as relações das individualidades frente a seus contextos socioculturais”. Conforme se pode analisar Hollan & Levy partem do princípio que esse tipo de estudo é essencial para uma teoria social:

A implicação do estudo de indivíduos é um componente essencial para uma teoria social adequada. Nós assumimos que as formas locais de individualidade e transações sociais individuais têm que ser empiricamente estudadas em cada colocação particular e para cada tipo de problema (embora nós ainda discutiremos também um conceito de “tipos” de colocações para alguns outros propósitos) nós não podemos usar modelo genérico “priori” de “homem e mulher antropológico” (HOLLAN & LEVY, 1998, p. 334)⁴.

Considerando ainda que a aflição é construção intersubjetiva, buscou-se

que é distinto de todos os objetos do mundo (MEAD, 1934).

³ (HOLLAN & LEVY, 1998). Retirar (deixar apenas dentro do texto).

⁴ The implication is that the study of individuals is an essential component of adequate social theory. We assume that the local forms of individuality and individual-social transactions have to be studied empirically in each particular setting and for each kind of problem (although we will also argue for a concept of “types” of settings for some purposes) and that we cannot use some a priori generic model of “anthropological man and woman” (HOLLAN & LEVY, 1998, p. 334).

entender não apenas os pontos de vista individual das fiéis. Deu-se importância ao conjunto de modos de atenção e cultivo do corpo que marcam as vivências e experiências pentecostais.

Trata-se da experiência de uma mulher negra, atualmente com 46 anos de idade, convertida desde 24 anos a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular. Nasceu no interior da Bahia, na cidade de São Félix. Ainda pequena veio morar em Salvador numa invasão do bairro do Pituacu. Viveu boa parte de sua infância e adolescência junto ao pai, a mãe, além dos muitos irmãos e irmãs. Mil lembra deste período com certa alegria, conta que tinha uma vida pobre, mas o pai e mãe se esforçavam para dar o melhor aos filhos, a família era unida, buscavam “viver com pessoas de família e não com quem não era”.

Maria Mil, diz gostar muito do nome que lhe deram. Tem tudo a ver com sua personalidade. Maria é conselheira, forte, e Mil vem de “mil”, conclui: “eu me viro em mil”!

O pai era pedreiro, ele preferia levar as filhas para ajudar no trabalho do dia a dia que os filhos homens, por esse motivo ela se sentia valorizada, e hoje em dia, diz que se algum homem levantar “queixo com machismo faço ele abaixar logo, logo”. A mãe trabalhava todos os dias costurando para ajudar no orçamento doméstico. Quando a mãe se converteu mais ou menos nos anos 1960 na Igreja do Evangelho Quadrangular,

deixou de ser rezadeira, recebeu o dom de cura e passou a orar pelas pessoas que a procuravam. O dom da mãe parece ter exercido forte influência sobre Mil, pois sempre que necessitava de alguma “benção” “cura” “solução de algum problema” recorria às orações da mãe. O pai só se converteu ao pentecostalismo nos últimos dias de vida, quando estava muito doente. Mil o compreendia, achava que chegaria a hora dele se converter, ficou assim esperando até que chegou o dia, Mil relata que: “meu pai já estava quase em coma pediu para se converter, ficou feliz, morreu assim, com aquela aparência tranquila, serena, com um riso. Que parecia que tava rindo, assim no canto da boca”.

Embora seguisse a rígida moral familiar e ouvisse os conselhos da mãe para que se convertesse ao pentecostalismo, Mil parece não ter tido pressa em fazê-lo. Ouvia as rádios pentecostais, ia à igreja com a mãe e outros familiares, mas, não sabia se era esse o caminho que realmente deveria seguir, prosseguiu nesta dúvida até a época em que se casou. Casou e se converteu. Estudou a até concluir o 2º grau. Fez também um curso básico de Teologia. Mil passou a fazer parte da pesquisa há cerca de cinco anos como assídua frequentadora da Igreja Quadrangular. Desempregada, lembrava que trabalhava em uma rede de supermercado como caixa.

2 Vida amaldiçoada

Na adolescência procurou sempre se afastar dos homens que “não queriam nada⁵”, disse para si mesma que só namoraria se fosse para casar. Mas achava que esse sonho nunca iria se realizar porque alguém havia jogado uma maldição na família dela. Até hoje todos seus familiares sofrem as consequências. Por causa da maldição uma irmã ficou com paralisia numa das pernas, e as outras não conseguiram casar, apenas ela e mais duas irmãs “felizardas” casaram, mas, com muita dificuldade! Os irmãos casaram, mas a maldição caiu sobre seus filhos, todos têm dado muito trabalho, por se envolverem com drogas, companhias desagradáveis, além de terem dificuldades para arranjar emprego.

Ela mesma foi vítima da “maldição”. Conforme conta, teve muita dificuldade para arranjar um namorado que de fato quisesse casar. Além disto, achava que prejudicava a vida das pessoas que se aproximavam dela. O primeiro namorado era um “bobalhão”, que ela teve que descartar. Como não aparecia nenhum homem “direito”, pensava que jamais casaria. E que sua existência era uma “atrapalhação” na vida das outras pessoas.

Conta que, a maldição foi jogada em sua família por causa da inveja que

os vizinhos tinham, pelo fato de serem “pessoas de família”. E que foi tão forte que até hoje sofrem as consequências. Como ela e as irmãs continuaram “sendo de família” e não “caíram na prostituição”, então a maldição tem tentado atingi-los através dos filhos. Trata-se, então, de uma maldição hereditária. A vontade de Mil é um dia ir até o interior onde morava para “repreender” a tal maldição.

O plano é conseguir dinheiro, para poder empreender uma viagem, ao interior da Bahia, onde moram alguns de seus parentes, para exorcizar espíritos malignos, que segundo conta, foram convocados por seus antepassados (não convertidos) e ainda continuam, segundo informou, “solto” e vivem perturbando sua família através de vizinhos. Por esse motivo, ela deseja viajar para o interior para acabar de uma vez com a tal maldição.

⁵ Ou seja, que não queiram casamento e responsabilidade com família.

3 Controle da maldição

Mil resolveu o problema da maldição hereditária com relação a seu casamento, deixando de rezar para os “santos” católicos e se dirigindo direto a Deus. Ela conta, em detalhes, a saga do seu pacto com Deus para poder casar e quebrar a maldição:

"Aí (riso) mas aí passando as anos né? passando os anos, aí todo mundo casava, aí o povo, as meninas pediam, Santo Antônio me dá (riso) um namorado (riso) todo mundo namorava e a gente ficava lá, a casa cheia de que, são nove mulheres né? A casa cheia de mulheres sem ninguém namorar, aí eu comecei a me desesperar com isso. Comecei meu Deus do céu, todo mundo se arruma, só a gente que não arruma nada, a gente não arruma emprego melhor, nada, deixar esse negócio, Antônio não tá me ajudando em nada nem Antônio, nem João, nem Pedro ⁶, nem ninguém, eu vou partir agora é pra Deus mesmo, os crente que tão certo, eu dizia assim, né? Os crente tão certo, né? Aí comecei a perguntar assim dentro de mim, toda vez que eu ia dormir, eu conversava com Deus né? Falava, meu Deus, mas se existe mesmo, o, e porque que existe, é, tanto e eu vejo lá o povo dano santo e porque que o Senhor num, num manifesta na vida de ninguém? Só vejo o santo manifestado e o Senhor mm, ah! Foi aí que Deus me, me mostrou um dia eu fui pra Igreja, e lá eu, eu, eu vi, eu vou, vou lhe mostrar, aí eu fui com minha mãe, um dia de culto Espírito Santo, por que eu vi, Deus falar, através de uma mulher, de uma mulher, eu dizia

assim: Ah! Deus também fala, no m..., no corpo da pessoa, também age, mas as diferença, não pé porque no, no, no, no esse cumé? Quem dá santo? Quem recebe, o santo, fica, inconsciente, né? Cai e tudo, né? Mas quem recebe o Espírito Santo não, fica consciente. Fica consciente, entendeu? A diferença é essa, e sabe de tudo que tá fazendo. Aí eu dizia assim: ah! Então é diferente e comecei perguntar mais coisa, né? Aí Deus me mostrou aí, aí eu fui embaixo comigo, eu disse: ai meu Deus, se o Senhor me der realmente, um, como é meu Deus do céu? Me der realmente um namorado, noivo, pra casar, por que eu tinha medo de, de ficar na mão desses homem todo rodando por aí sabe? Aí disse assim: pra casar, pra casar, um que seja digno de mim e eu digno dele, eu vou fe..., fechar com o Senhor. Passo, passo e foi, passo, passo e vou seguir realmente a lei de crente, e vou me casar virgem, falei com ele isso ainda. Aconteceu foi tão rápido, ói que eu nem acreditei. Meu Deus será que é isso mesmo? Aconteceu tudo em dois anos. Dois anos apareceu, apareceu namorado, em dois anos a gente namorou, casou de repente, todo mundo, o povo da rua até falava, depois que eu soube, né? Diziam que tava grávida que não sei o que lá, que casou de repente, não sei o que, tudo foi plano de Deus" (informação verbal)⁷.

Finalmente casada, passa a morar numa pequena casa comprada por seus familiares. A casa ainda está em processo de acabamento, ela e o marido

⁶ Referência aos Santos Católicos – S. Antônio, S. João e S. Pedro.

⁷ Este e os demais relatos foram colhidos a partir de observação e entrevista centrada na pessoa, como especificado inicialmente.

se esforçam para terminá-la. Mil mora atualmente com o marido, e mais duas filhas adolescentes. O marido trabalha, frequenta a mesma igreja que ela, ajuda-a no trabalho missionário que ela desenvolve regularmente. O filho mais

velho tem 18 anos, e como diz: "arranjou mulher, não mora em casa". Atualmente, Mil e marido o enviaram para uma viagem a casa de parentes para afastá-lo das drogas.

4 Pacto com Deus – casamento e conversão

Mil apresenta sua conversão como sinal e pacto com Deus. Para ela tratou-se de um evento extraordinário, porque sempre ia para igreja com a mãe, mas nunca havia se decidido. Ao que tudo indica, não se converteu logo porque não entendia o que era dito na igreja:

"Minha conversão foi algo assim extraordinário, porque tem muita gente né que espera outro pregar, levar pra igreja. Minha mãe tava indo pra igreja né e aí eu fui assim algumas vezes mas não entendia muita coisa" (informação verbal).

Mas, enfim, Mil aponta para o sentido de que a conversão e o entendimento são duas coisas que caminham juntas:

"[...] porque quando se converte é quando tem entendimento né do que se está ouvindo, então eu não entendia nada. Mas eu fiz um pacto com Deus que se Ele providenciasse meu casamento eu me converteria. Ele providenciou tudo, meu noivo na época não era crente, mesmo assim o pastor aceitou nos casar na igreja porque minha mãe era de lá e frequentava também, mas não tava convertida. Aí eu fiz o pacto com Deus, Ele me casou e aceitei a Ele, depois meu marido também aceitou" (informação verbal).

5 Visão de Mil

Todas as suas dúvidas, tribulações, conflitos, problemas, questões cotidianas são dialogadas com Deus, pronto a ouvi-la a qualquer hora do dia ou da noite. Conforme se pode depreender das seguintes expressões:

"... Deus mostra assim, né, na prática"

"... eu falo com Deus em espírito, o qu'eu quiser saber dele eu pergunto a Ele..."

"... aí quando cheguei lá (na igreja), o Espírito Santo estava dando uma profecia, que chama profecia né, a uma pastora. Aí Ele disse: aí ó aqui sou eu. Não é só entidade que baixa, eu também falo pra o meu povo..."

"... meu Deus... e como é que agora eu tô passando por esta situação de tá vendo a rebeldia dos meus filhos e as coisas ruins entrando aí eu fico triste mesmo e choro, mas aí é como diz a Bíblia né o choro dura uma noite e a alegria vem ao amanhecer..."

A idéia de transferência de poder (via Espírito Santo) reforçada pelo conhecimento religioso sobre as relações familiares (sobretudo as que fundamentam a visão de casamento), facilita o diálogo entre Mil e o sagrado, apesar de dizer que no início sentiu certo desconforto e incerteza quando dizia: "... meu Deus, eu nunca fui desobediente..." ou "... aí eu comecei a orar né pra pedindo a Ele algum homem... pra entregar a minha virgindade".

Mas, Mil não se deixa abater, diz que a tristeza é um problema da humanidade e até Deus (Jesus) sentiu tristeza, a tristeza é algo normal. Assim às vezes ela se sente triste, especialmente quando o filho dela está envolvido em algum problema (drogas). Isto a deixa bastante aflita. Mas, enquanto mulher pentecostal ela procura não cultivar a tristeza.

Mil assegura que possui atualmente uma vida sem culpa, aliás nunca sentiu culpa, porque já não faz "coisas erradas", pois quando está prestes a cometer algum erro, Deus logo a avisa e ela se corrige, assim não age mal consigo e nem com os outros. Diz que Deus lhe mostra tudo. Seus sentimentos também estão todos

controlados por Deus, Mil se expressa a esse sentido da seguinte maneira:

"Tem pessoas que sentem... eu nunca senti não, culpa não. Porque, também, tudo que vou fazer Deus já me mostra... se eu fizer algo e que vai trazer prejuízo ou pra mim ou pra alguém, Deus já me mostra. Então eu não faço. Mas tem muita gente que está preso a isso. Tem muita gente que recebeu Jesus e tá preso porque não conseguiu ainda lidar com os sentimentos, sente vergonha, sente culpa, fica se culpando. Mas a bíblia diz que se alguém confessa a Jesus Cristo de todo coração, aquela pessoa é nova criatura, não tem que sentir culpa. Se sente culpa é a pessoa mesmo que não tá querendo esquecer. Não é Jesus Cristo. Jesus Cristo já perdoou e Ele perdoa. Lá fora falam de um amor, mas o amor que falam aí fora não é o amor. É um sentimento que eles não conhecem, porque o amor é como o de Jesus que deu a vida pra salvar a todos... é se colocar na brecha pra ajudar, pra tentar... pra não escandalizar. Até um escândalo tem que cobrir. É como Jesus Cristo fez. Cobriu os nossos pecados na morte expiatória dele. Aí é amor" (informação verbal).

A ira é considerada por Mil como um sentimento natural e momentâneo; portanto, não ameaça sentimento de amor pós-aceitação do Cristo. Já a raiva é algo desestruturador, maligno. Mil considera a raiva como um sentimento que conduz à morte:

"E eu creio que está ligado (a raiva), realmente, à pessoa que não tem Jesus Cristo... porque raiva não é um sentimento que deve caber no coração da mulher pentecostal, não pode nem estar presente... a ira é momentânea..."

*pensou em Jesus Cristo passa.
Mas raiva é uma coisa diabólica"*

(informação verbal).

6 Visão de Mãe

O amor que une o grupo familiar vem de Deus. Mil enquanto mãe, coloca-se como mediadora entre o amor divino e seus filhos. A família é também fonte de constante diálogo com Deus: "E eu disse a Deus: Deus guarda o meu filho. Guarde o meu filho porque o meu filho, ele é também teu..." O "self"/materno é duplamente sofredor – por si e pelo filho – mas ama assim com amor incondicional conforme a imagem de Jesus Cristo sofredor e redentor da humanidade. Isto parece claro em sua expressão: "O que for de acontecer que passe comigo e não com ele. Porque a mãe sabe que suporta mais do que os filhos... e depois Deus me mostrou que eu estava, realmente, no meio entre... entre ele e Deus. Eu estava intercedendo. Esse é o amor de mãe".

Tem-se aqui a figura materna como mediadora, é ela, Mil, quem intercede pelo filho diante de Deus. Mil espera que ocorra uma mudança no filho. Ela diz saber porque o filho está sofrendo com as drogas: a causa é a "desobediência". Por esse motivo, tem se desdobrado em conselhos para os filhos, inclusive as duas filhas, para que deixem de sofrer as mazelas produzidas pela desobediência, a fim de evitar mais

sofrimentos. Mil expressa esse desejo da seguinte forma:

"... eu quero que eles larguem logo a desobediência, porque a desobediência só traz maldição. Que eles não insista em ficar nesses caminhos porque eu sempre dou conselho a eles. Que eles ouçam o conselho meu e do pai porque nós estamos fazendo aquilo que Deus nos mandou. Então que eles não demore pra reconhecer tudo isso aí, porque quanto mais eles demorar mais sofrimento será" (informação verbal).

Para Mil, o papel da mulher pentecostal, sobretudo o de mãe, assume proporções metafísicas – o olho de Deus – na família. A ela cabe a missão de religar os sujeitos de sua família, assim como a missão pastoral ao seu rebanho. Mais que isso, de abarcar todo sofrimento de si e dos filhos. Sobre esse aspecto relata que:

"... É que nós temos assim um... uma visão, assim, diferente dos outros. É mãe então! Mãe sente muita coisa, mãe vê muita coisa, Deus mostra muita coisa. A gente não pode falar tudo pros filhos, né. A gente tem que falar assim por metáfora... e se eles forem obedientes eles vão obedecer e não vão passar por nenhum apuro. Mas quando a desobediência entra, a gente pode falar, pode alertar... mas eles não dá ouvido, termina acontecendo. Às vezes não acontece tudo... porque Deus é

misericordioso com a mulher pentecostal e não deixa que ela sofra. Aí Deus abrevia” (informação verbal).

Mil alega que a aflição de sua vida tem sido o filho mais velho, porque ao contrário do que ela pensou, projetou e investiu, o filho não quis nada com os cursos e estudos que lhe eram oferecidos. Cada vez mais a aflige ao usar drogas, e se envolver com gente perigosa que vive nas vizinhanças. Segundo seu relato:

“O meu filho mais velho, pelo... pelo rumo que ele ia eu pensei que ele fosse ser, assim, um lutador, um instrutor de artes marciais, porque ele aprendeu capoeira, todo tipo de esporte... eu investi nele. Eu e o pai investimos nele e pagamos muito caro e depois ele abandonou o curso... sempre abandonava os cursos... também, eu digo a ele sempre assim: estude pra você

ser... se formar em educador físico. Mas ele, também, até hoje não concluiu a quar... a oitava série... Ele se envolveu com esse negócio de drogas, meu coração fica na mão, anda com essa gente aí do bairro, vejo a hora da polícia baixar aí, levar todo mundo e ele no meio deles. Meu coração de mãe dói. Ele sempre negava, quando eu perguntava, dizia que não. Mas usava sim...” (informação verbal).

Apesar desse sofrimento com o filho mais velho, possui um projeto para os filhos:

“... o meu sonho é que eles estudem, se formem, façam faculdade. Porque hoje em dia é, valoriza muito a faculdade. Ainda mais quando se é de cor, vem de família humilde, que mora num bairro, assim, de periferia, só se destaca quando faz faculdade. Então eu, eu... não importa a faculdade que seja, mas que eles tenham o nível universitário” (informação verbal).

7 Descobrimo a missão

O conhecimento religioso é apresentado por Mil não apenas como algo que tenha que ser ensinado aos filhos e parentes próximos, mas, quando menos se espera alguém necessita saber. Mil dá um bom exemplo, falando que um dia foi indicada para cuidar de uma mulher diabética aplicando insulina, mas tal senhora se acalmava e gostava que ela ficasse lendo a Bíblia e explicasse tudo, gostava especialmente da parte que fala sobre Maria Madalena. Dessas leituras da Bíblia e sua

explicações, Mil vai descobrindo a vocação missionária:

“E a mulher era muito perturbada, e eu comecei a cuidar dela, que ela, ela sofria de diabete, e tinha um, uma instituição que cuidava dela, mas, só que tinha aplicar insulina. Eu fiquei quase 3 anos com ela, mas é por que a mulher era muito carregada. E eu sempre dava a palavra era aquela agonia. Ficava nervosa, e xingava, e rumava tudo pra lá, e eu que ficava todo dia com a Bíblia na mão, pra poder dar a palavra pra ela que ela gostava de ouvir, ela pedia pra mim pra contar as histórias,

de Madalena, de não sei quem [...] Fui, isso aí me realizando sem, sem saber, sem querer. Fui me realizando. Aí eu pegava falava pra ela né? Aí é, essa mulher, é, morreu, ela morreu mas o filho, tinha um filho que era pastor, e o filho ficou sete, sete ano sem vim aqui, sete ano, e quando ela tava doente chamaram o filho, o filho veio, aí, no, né, no hospital, o filho cuidou dela e ela aceitou na última hora ela aceitou Jesus” (informação verbal).

Mil, conta que depois que cuidou da mulher diabética alguma coisa ruim saiu da casa da mulher e atacou suas pernas. Descobriu isto através de um sonho que foi depois interpretado, ficou sabendo que o problema nas suas pernas era um “empecilho diabólico” para impedi-la de ajudar mais almas a se salvarem como ela havia feito com a mulher diabética. Ainda mais agora, que Mil havia descoberto sua vocação missionária e estava ajudando muita gente que estava no leito de morte, na unidade de terapia intensiva de queimados de um hospital da cidade, vários pacientes se convertiam na hora da morte. Mil que havia ficado impossibilitada de andar por causa de um inchaço e muitas dores nos pés, explica esse evento como sendo causado pela ação de forças malignas que a queriam impedir de continuar sua missão. Sobre essa experiência narrou o seguinte:

“Aí quando minha a perna ficou assim, eu sonhei, que tava na casa dela (mulher diabética), limpando a casa dela toda. E disse que eu pegava assim cada rato desse tamanho! Mas eu não tinha medo não sabe? No sonho foi assim né? Aí diz que eu ensacava os ratos todinho, deixava pra ela ver. Aí quando chegava ela e os meninos, dizia assim: ó fulana, aqui ó, peguei tudo aqui os, os rato, tá tudo aqui ó. Pra você ver, mas cada rato enorme assim. E rato é porcaria né?” (informação verbal).

Depois que descobriu através do sonho acima citada que a causa dos seus problemas nos pés não era física, mas sim espiritual, Mil resolveu convocar toda a sua família: mãe, irmãs, todos para explicar o porque dos seus sofrimentos repentinos:

“Eu dizia assim: é, esse, esse, negócio do pé, não é a toa, isso aí é coisa do inimigo mesmo. Aí deu pra ver todo mundo acho que convidei todo mundo, viro aqui, oraro, me, oraro, e, e leu a Bíblia, e eu contei, isso aí. Aí resumindo, aí, no, no sonho eu mesmo, interpretei sabe? Veio de Deus sabe? Interpretação. Disse que eu, é por que eu tava fazendo um trabalho no HGE, desde dezembro” (informação verbal).

Mil lembra que, antes de passar a vivenciar aflições com os constantes inchaços e dores nos pés, ela estava desenvolvendo a sua missão, ajudava pessoas que tinham tentado cometer suicídio a se converterem.

8 Pessoas

Mas se não bastasse o sofrimento com o filho. Mil diz que passou a sofrer com o pastor que não entendia sua missão. O fato é que pastor preferia que ela ficasse com cargos na igreja, mas isto na visão de Mil a privava da liberdade para sair e evangelizar. Esse parece ser um aspecto bem importante na vida de Mil, pois diz respeito ao “chamado de Deus para a missão”. Mil procurou então se desvencilhar de todos seus afazeres na igreja para seguir sua própria missão. O rompimento com a liderança pastoral parece ter sido crucial para realização de Mil enquanto missionária.

Mil pontua que sua missão é mediada pela ação direta do Espírito Santo. Essa sua experiência com o Espírito é apresentada como vital para a responsabilidade frente ao evangelismo missionário. Mas nem sempre foi assim, houve uma época em que ela sentia muito medo de falar línguas, assim como o recebimento do Espírito exigiu muito esforço de ego:

"Eu sentia mesmo, mas depois eu comecei a, a, a ouvir muita gente, porque eu não falava línguas ainda, porque tem que falar língua, né? Quem é batizado pelo Espírito Santo né, Eu tava com medo de falar língua porque eu via os outros falando, eu ficava com medo de imitar. Aí fica impedindo, né? O Espírito Santo agir, e... aí eu dizia assim: "meu Deus mas eu não tenho o Espírito Santo ainda". Eu ouvia falar, pode

ser pecado que tem, é um pecado, eu dizia assim, não, mas que pecado que eu tenho? Não tenho pecado nenhum assim, e os pecado que eu tenho, pecado assim todo mundo tem, né? É, e é, e é, e é de viver, né? E aí? Ser humano, porque é humano, né? Aí eu fiquei ouvindo, aí o povo, 'vá se jejuar', aí jejuei um bocado, jejuei, fiz um bocado de jejum, oração, aí nada, aí teve um dia é que não tinha assim, o culto do Espírito Santo, é dia de quinta feira, né? Aí ficava lá, aí ficava lá, chorava, chorava, chorava, chorava, chorava, chorava, chorava, aí o povo: 'Ah!. Mas sim, cê vai, batizada em casa', aí um dia eu fiquei perguntei a Deus: 'mas meu Deus por que que eu seguro assim tanto ainda, por que?' Aí, eu sonhei, diz que eu via assim o céu todo azul, e olho de Deus, a, o olho de Jesus Cristo assim ó, no céu, dizendo assim: 'eu tô de olho em você'. Foi! (riso). Aí eu fiz assim, desse dia pra cá, eu fiquei, eu me quetei, assim ó, eu vou, eu vou me quetar, com as meninas, né? As menina ficava falando, né, vou me quetar por que Jesus Cristo começou ficar de olho em mim, então se tá de olho em mim, eu vou me quetar, né?" (informação verbal).

Compreendendo que já havia sido tocada pelo divino, Mil descobre que a razão pela qual não tinha recebido o Espírito Santo era o fato de ter “guardado escondido” e ter dado “ouvido às pessoas”. Assim muda de postura e passa a ter experiências com o Espírito Santo:

"Aí todo dia tem um, um, um teve um, um irmão que tava pergando

num rádio aí falando, né, sobre o Espírito Santo, porque tem gente que, aí falando, né, que tinha gente que, já e..., era bat..., batizado, mas só que não a..., não acreditou, entendeu? Duvidou, o Espírito Santo se recolheu. É me lembrei de mim, aí foi que me lembrei, eu disse é verdade, mas Jesus Cristo falou que ia me tocar, mas e Ele me tocou realmente, eu me lembrei do dia, me tocou realmente, muita gente sabe? Dos palpites de muita gente, né? E deixei, fiquei tanto tempo, com isso né guardado encolhido, né, porque do Espírito Santo não pode duvidar, não sabe? Cê não pode dar ouvido a pessoa, não, tem que crer. Cê não pode, porque você vai dar ouvido a outra pessoa. A pessoa pode ficar no lugar Dele (Espírito Santo) né? Como é que Ele vai lhe ensinar ali, lhe instruir, aí foi que me lembrei, disse. A, aí, aí eu comecei a, a, a perguntar, comecei a falar. É, é, é semeada por Deus, mas não podemos ficar atrás de muita gente, não sei o

que, não sei o que, que ouve, né, mas não pra dar assim dá mais ouvido aquela pessoa do que ao Espírito Santo. É tanto que fica atrás do Espírito Santo, o Espírito Santo é nosso guia, ele é o controlador, ele que faz lembrar, ele que ensina, ele que instrui os crentes, é ele que, que protege ele faz um monte de coisa. Ah! Sim, sempre (recebo o Espírito Santo). Ah! Sinto assim aquela quentura gostooosa assim, como se, tem alguém chegando sabe? Assim pelas costas da gente. Aquela, aquele calor assim gostoso, porque quando o inimigo chega você sabe que é frieza, né, não é quentura. Não. Não é quentura. O que chama assim uma quentura, é uma quentura assim que vai queimando, que tem um negócio de fogo também, né; que vai quei..., mas quando uma quentura assim gostosinha assim, aquele calor aconchegante é do Espírito Santo” (informação verbal).

9 Experiência com o Espírito Santo e a semelhança com a plenitude sexual

Mil demonstra tanta intimidade com o recebimento do Espírito Santo que agora diz poder recebê-lo a hora que quiser e em qualquer lugar, sabe inclusive distinguir o recebimento do Espírito Santo de qualquer outra ação maléfica:

“Ah! Sempre que eu quiser. É só dar lugar. Também se eu não quiser renovar também eu, eu, eu não só depende de mim (riso). A parte que eu mais gosto é a parte do louvor, a parte de louvor que eu, que fica assim mais aberta assim, mais... É só querer, em

qualquer canto. Qualquer canto, no banheiro, pode tá na rua, como for, tem esse negócio, não. Não porque, o, o, o, o, o servo de Deus ele pode tá nu na casa dele, no quarto dele, ele não vai ficar nu na frente dos outros, né? Porque Deus já conhece esse corpo, Deus que fez, né, então não tem nada disso, basta você querer. Ah! Consigo. Porque o, o, a Bíblia mesmo fala, que o Espírito certifica com o mesmo espírito, não há confusão. Também a, quem tá também com o Espírito Santo também, percebe também se for um outro Espírito enganador sabe, porque o inimigo não gosta de, de, de usar

também o, o, o, o, a pessoa também em língua de sangue, sabe? Mas aí o Espírito Santo... Mostra, se é realmente a língua dele ou se é do inimigo. Eu lembro, foi até aí, foi aí mesmo essa Igreja aqui. É, eu fiquei, eu ficava assim, porque até o som bem, bem estranho você começa ir, começa. Eu sou assim, se eu no..., noto alguma coisa assim que não é com um, com uma coisa de Deus, eu já sinto pelo ouvido sabe? Sinto assim aquela, assim aquela repulsa, aquela repugnação" (informação verbal).

Mil representa o recebimento do Espírito Santo como uma relação de estrita intimidade que se iguala a uma relação sexual. Descreve sua experiência da seguinte maneira:

"A ação do Espírito Santo, a atuação do Espírito Santo é... Como falam aí, cair no Espírito, mas, não é bem cair no Espírito, porque a gente não cai assim de repente. É que Deus quer mostrar assim pra gente uma coisa assim, agradável, e como existe o limiar da dor, por exemplo, na dor é a dor, mas nas emoções é o limiar que cada um tem que suportar, que o corpo suporta e muitos conseguem ficar em pé e outros não, outros terminam caindo, se deitam. Tem igreja que quando tem assim um trabalho da manifestação do Espírito Santo, o administrador ele tem assim um grupo que segura as pessoas pra não cair assim de qualquer jeito. Então quando a pessoa tá com as pernas tremendo, sente que vai cair, aí eles botam as pessoas numa posição bem confortável e as pessoas ficam lá tendo experiências com Deus. Alguns são até para a cura, no caso de algumas doenças ficam deitados pra cura. No meu caso não. Eu nunca tinha tido uma experiência desta e foi numa noite que

chegou uma ministra, que essa ministra era de fora. Aí ela tava lá ministrando, aí todos os membros estavam deitando, caindo e ela queria que eu deitasse e eu fiquei dura sem querer deitar porque eu pensei que fosse uma coisa assim, desconfortável, mas, aí terminou eu deitando, aí quando eu deitei foi uma coisa tão gostosa, sabe?! Jesus Cristo queria me mostrar algo e eu estava relutando (risos) porque pensei que fosse uma ruim pra deitar, mas foi uma coisa tão gostosa, que aí eu quis deitar novamente. Eu deitei assim embaixo dos instrumentos, da bateria e senti assim como se estivesse no céu, como se estivesse assim num lugar, só a gente, num paraíso, num lugar perfeito... e ouvindo assim aquele corinho longe como se fosse assim um corinho angelical. Mas a gente não perde o sentido não! A gente fica consciente, percebe tudo ao redor, ouve as conversas. Não perde o sentido, não! Com Deus a gente não perde o sentido. Ficamos conscientes de tudo que estamos fazendo. Agora sentimos todas as emoções da alma e do Espírito. É uma experiência com Deus tremenda que só o Espírito Santo pode proporcionar. Nessa relutância toda, depois que eu deitei, aí na segunda noite, eu já estava mais suave, já estava entendendo mais as coisas porque Deus me falou que assim como (ego expressa um ar de reflexão, escolhe as palavras, faz uma pausa, olha para baixo, enfim levanta a supercílios e continua a fala) eu tinha relações com meu marido, assim de... Assim de ficar, totalmente né, de me entregar a ele, assim é que Deus queria que o povo Dele fizesse pra se entregar, sem ficar preocupada com alguma coisa. Porque no ato sexual o casal só vai sentir alguma coisa se estiver realmente pensando naquilo, se desligar de

todos os problemas, de todos os conflitos, de todo mundo e ficar ali sozinho. Assim também que Jesus Cristo falou que da mesma maneira que a gente se entrega para o marido pra conseguir o prazer, tem também que ficar com Ele. Se entregar, confiar totalmente Nele. Não ficar preocupada. Se não a coisa não acontece. A parte religiosa só acontece (a parte espiritual) quando estamos desligados de todos os problemas e nos ligamos só com Jesus Cristo, só com Deus, só com o Espírito Santo aí a coisa acontece – as maravilhas!” (informação verbal).

O recebimento do Espírito Santo parece ser para Mil uma experiência singular das mulheres. Para ela agora é a hora e vez das mulheres atuarem na igreja e no mundo:

“E muitos homens ficam assim fascinados, até os que não são crentes, de ver aquele fervor que eles querem vê também e vão e entram. Que não é proibido, podem ir mulheres, crianças, adolescentes, homens. E eles ficam assim fascinados com a destreza da mulher. É uma

maravilha! É digo isso aí. É uma coisa assim minha (ta ligado? referencia a filmadora) É uma palavra minha porque tem tudo a ver. Porque na Bíblia as mulheres nem são citadas, só algumas, assim no Velho Testamento porque têm assim um dom especial como Débora profetiza, Ana que orou pedindo um filho e entregou-o ao Senhor, mas, os outros não são citados pois, eu creio, que as mulheres têm tantas habilidades, tanta criatividade, desempenho que se elas fossem aparecer elas passariam o homem. Naquele tempo Deus deu a tarefa para os homens fazer, não para as mulheres. Tanto sim que hoje em dia se destacam (as mulheres) e quem deu assim muita importância a mulher foi Jesus Cristo, quebrando assim o tabu. Tanto que as mulheres, tem até o nome na Bíblia das mulheres que seguiam Ele. Que ajudavam com renda, com dinheiro, com trabalhos, que elas seguiam de longe, vinham desde a Galiléia até Jerusalém. E ficaram com Ele até no dia da morte quando Ele ressuscitou. E os homens não! Os homens ficaram só olhando de longe, mas, elas ficaram de perto mesmo” (informação verbal).

10 Algumas considerações

Pode-se dizer, que essa mulher ao longo de sua trajetória religiosa tem se apropriado de elementos importantes para a construção do “self” como é caso dos dons espirituais, especialmente, a revelação (os sinais divinos) e o sonho. E o mais importante de tudo é que elas demonstram possuir técnica de si que permite a construção e compreensão de seus “selves” na medida em que abrem

o diálogo consigo mesma, com outro e em especial com Deus através da lógica das experiências religiosas vivenciadas por cada uma delas.

De certo modo, Mil representa exemplo contrastante de vida. É bem-sucedida em termos de realizações, seja em seu casamento, missão, estudos (ainda que se aflija pelo fato do filho ser usuário de drogas e ter que lidar com a

maldição). Mas, resignifica suas experiências de vida pondo em marcha a construção de seu *self*. Mil usa o recurso (disponibilizado nos quadros do pentecostalismo) de certas técnicas de si que parecem importantes redimensionadores e até mesmo parece ser elementos essenciais para a construção do *self*.

Buscando compreender as técnicas de si através das quais as pessoas elaboram o saber sobre si mesmas, Foucault (1985) inicia seu estudo a partir da questão da sexualidade. Divide em quatro grupos as técnicas: a) técnicas de produção; b) técnicas dos sistemas de signo; c) formação de poder e d) técnicas de si ou técnicas de conhecimento de si. Argumenta que cada tipo de técnica implica em certos modos de educação e transformação dos indivíduos.

As técnicas de si usadas por Mil são usadas a partir de certo modo de atenção que, segundo alega, a coloca em diálogo constante com Espírito Santo. Este, enquanto dimensão sobrenatural e

divina, torna-se quase que uma extensão dela mesma. O Espírito Santo assim é apresentado como capaz de transformar a própria natureza do *self*, capaz de conduzir uma nova construção, ou melhor, de produzir a construção do *self* dessa mulher no sentido de transformar as aflições em algo gerenciável, compreensível e, sobretudo, sem real poder sobre elas.

Pode-se ainda dizer que a mulher estudada está retirando a partir desses diálogos suporte para empoderamento pessoal, familiar e às vezes, até de certos setores das comunidades que estão inseridas.

Dessas maneiras, o pentecostalismo parece possibilitar a existência de diferentes identidades forjadas a partir de processos de múltipla complexidade. Parece ainda capaz de responder e acolher a certa parcela de mulheres aflitas que buscam sentidos em seus quadros, especialmente as mulheres de classe trabalhadora.

Referências

FOUCAULT, M. **O Cuidado de Si. A Cultura de Si**. Em: História da Sexualidade III. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

HOLLAN & LEVY. **Person-Centered Interviewing and Observation**. In: Handbook

of methods in cultural anthropology / H. Russell Bernard, editor: Florida, 1998.

MEAD, George Herbert. **Play, the Game, and the Generalized Other**. Edited by Charles W. Morris. Chicago: University of Chicago, 1934.

Recebido em 15/05/2015.
Aceito para publicação em 30/06/2015.